



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

LUCIANA SILVA BARBOSA

**LEITURA/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

LUCIANA SILVA BARBOSA

**LEITURA/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Departamento de Educação, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo

**CAMPINA GRANDE – PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B239I Barbosa, Luciana Silva

Leitura/contação de histórias no primeiro ano do ensino fundamental [manuscrito] / Luciana Silva Brabosa. - 2016. 37 p. nao

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo, Departamento de Educação".

1. Leitura 2. Contação de Histórias 3. Ensino Fundamental
4. Formação de Leitor I. Título.

21. ed. CDD 372.4

LUCIANA SILVA BARBOSA

**LEITURA/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PRIMEIRO ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título de Licenciatura Plena em Pedagogia, pelo Departamento de Educação, do Centro de Educação, da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado em: 30 de maio de 2016.

NOTA: 9,0

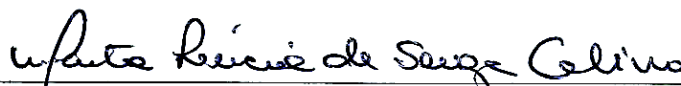
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Glória Maria Leitão de Souza Melo – UEPB
(Orientadora)



Profa. Dra. Maria do Socorro Montenegro – UEPB
(Examinadora)



Profa. Dra. Marta Lúcia de Souza Celino – UEPB
(Examinadora)

CAMPINA GRANDE - PB

2016

LEITURA/CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Luciana Silva Barbosa¹

Resumo: Contar histórias pode ser um excelente meio utilizado pelos professores para promover o estímulo à leitura. A fantasia que se encontra na literatura infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança, a qual encontra mais significado no mundo imaginário do que na realidade adulta. Partindo desse pressuposto, é objetivo geral deste estudo: investigar o processo de contação de histórias numa turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, buscando analisar a contribuição destas práticas para a constituição leitora das crianças. Como objetivos específicos destacam-se: observar os procedimentos utilizados pela professora para a contação de histórias; identificar e caracterizar o interesse e envolvimento das crianças com as histórias contadas ou lidas pelo professor; observar os diálogos, entre as próprias crianças e entre estas e a professora, durante o momento da contação; discutir a importância da contação de histórias na formação de leitores. No percurso metodológico, optou-se por um estudo de caso de cunho qualitativo, utilizando-se como instrumentos de coleta de dados a observação – através de videograções – e a entrevista. Assim, crianças foram observadas e uma professora foi entrevistada. Alguns autores foram utilizados como aparato teórico a exemplo de Abramovich (1997), Abreu (2016), Bettelheim (2004), Bussato (2008), Brasil (2012), Chartier (2009), Coelho (2003), Debus (2006), Ferreira (2007), Frantz (2005), Ludke (1986), Malheiros (2011), Rangel (2005), os quais tratam o assunto deste artigo em alguns dos seus livros. Com base nos resultados, verifica-se que contar histórias para crianças de seis anos de idade em fase escolar, tem grande influência na formação de leitores com competência. Nesse sentido, o professor deve abusar da criatividade e imaginação, podendo contar com o auxílio de diversos métodos e recursos materiais, variando de acordo com o conteúdo da história a ser contada. Pode-se concluir que é de suma importância que os professores das séries iniciais usufruam da contação e de seus recursos para estimular seus alunos. Ao formar pequenos leitores, o professor deve mostrar que a leitura é um caminho incrível, pelo qual se pode passar sem medo de chegar ao fim e ter que retomá-lo para cumprir com tarefas e obrigações.

Palavras-chave: Contação de histórias. Ensino fundamental. Formação de leitores.

1 INTRODUÇÃO

Estudos apontam que a prática de leitura/contação² de histórias para crianças pode favorecer o desenvolvimento de seus aspectos cognitivos, sociais e emocionais. Considerando este desenvolvimento, bem como a utilização de diversos recursos e procedimentos pelo

¹Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

²Neste estudo reconhecemos a distinção entre ler e contar uma história. Reconhecemos, ainda, que as práticas de leitura e contação junto a crianças pequenas, na realidade escolar de sala de aula, se coadunam. Ou seja, ao ler o texto escrito, a professora acaba por mesclar essa leitura com comentários que, acrescidos ao texto, contam e ilustram a história. Optamos por utilizar o termo contação, por compreendermos que ele melhor caracteriza as práticas de leitura com crianças pequenas, que ainda não apresentam o pleno domínio da linguagem escrita. (Grifonosso).

professor no exercício dessa prática, parece possível afirmar que o gosto das crianças pela leitura pode ser estimulado pela participação destas em tal prática.

A leitura/contação de histórias ensina a respeitar regras, pois para se ouvir uma história é preciso silêncio, atenção, concentração; respeitar quem está contando e quem está ouvindo; e saber o momento certo de intervir. É fundamental a contação de histórias, independente de quem as conte – pais, avós, professores etc. –, pois essa atividade trabalha a imaginação e proporciona momentos de alegria e até de emoções. Contar histórias é uma arte que acontece nas diversas nações do mundo.

No presente estudo, tivemos como objetivo principal investigar o processo de contação de histórias numa turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, buscando analisar a contribuição destas práticas para a constituição leitora das crianças. Como objetivos específicos, destacamos: 1. Observar os procedimentos utilizados pela professora para a contação de histórias; 2. Identificar e caracterizar o interesse e envolvimento das crianças com as histórias contadas ou lidas pelo professor; 3. Observar os diálogos, entre as próprias crianças e entre estas e a professora, durante o momento da contação; 4. Discutir a importância da contação de histórias na formação de leitores.

A pesquisa realizada buscou responder às seguintes questões: Como são contadas histórias para crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental? Ao contar histórias, os professores estarão estimulando o gosto dessas crianças pela leitura? Com base nessas inquietações, levantamos as seguintes hipóteses: as histórias para crianças de seis anos são contadas de forma criativa e envolvente pelas professoras; essas histórias podem influenciar o gosto dessas crianças pela leitura de textos escritos e/ou de imagens/gravuras.

Através do contato com práticas de leitura, possibilitadas pela contação de histórias, a criança entra em seu mundo imaginário, fantasiando-o. Ela encontra mais significado nesse mundo imaginário, do que no mundo da realidade adulta que lhe é apresentado. Assim, desenvolve os sentimentos, as emoções, aprende a lidar com as sensações, pode observar de perto conflitos sendo resolvidos, aprende valores, desenvolve sua moralidade e assim sua personalidade. Além disso, quando as crianças têm contato com “bons” modelos literários, elas se expressam corporalmente com mais facilidade e buscam imitar e representar os personagens das histórias, colocando-se no lugar deles. Segundo Bettelheim (2004, p. 11),

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar em harmonia com suas ansiedades e aspirações;

reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Nessa perspectiva, compreendemos que a leitura de contos permite um melhor entendimento do mundo. Existe uma relação entre os contos de fadas e as histórias de vida, no sentido em que a magia e a fantasia são elementos essenciais na vida do ser humano e necessitam ser cultivados desde a infância. No entanto, isso só é possível com um adequado planejamento e um trabalho coletivo, cabendo ao professor entender que a contação de histórias é de suma importância na vida das crianças, uma vez que o que se aprende nas séries iniciais é marcado por toda a vida.

Os professores podem utilizar o conto como recurso pedagógico, pois a contação de histórias no ensino fundamental resgata e facilita a mediação do professor e do aluno, diversificando a prática educativa mesmo antes de a criança saber ler e escrever. A contação seria uma maneira de descobrir conflitos e impasses que todos enfrentam, permitindo a criança ressignificar suas vivências, suscitar o imaginário e acomodar sentimentos. Nesse sentido, Bettelheim (1980apud BUSSATO, 2008, p.15) afirma:

[...] o poder regenerador dos contos de fadas que, por conterem na sua estrutura elementos simbólicos, criam uma ponte com o inconsciente, integrando os conteúdos arquetípicos e propiciando a criança conforto e consolo em termos emocionais.

A leitura de imagens/gravuras ou a escuta de histórias torna-se essencial na construção de sentidos, pois através da leitura um universo de emoções e percepções se abre diante do leitor. Agindo como mediadora entre o leitor e o mundo, a leitura também agrega valores e mostra novos horizontes para o leitor e para a sociedade. Conforme Rangel (2007, p.34) “[...] a leitura permite ao leitor posicionar-se no mundo, tomar partido [...]”. Nesse cenário, a escola tem o relevante papel de fazer com que os sujeitos desenvolvam sua capacidade de leitura, pois a leitura intensiva que é praticada nas escolas forma um leitor preparado para o desempenho de expressão oral, respondendo às exigências existentes na sociedade e dominando as regras da gramática.

A experiência da pesquisadora no Estágio Supervisionado, correspondente à Educação Infantil e Ensino Fundamental, estimulou a escolha da temática investigada neste trabalho. No decorrer desta experiência, percebemos que a contação de histórias parecia ocorrer de modo aleatório, sem nenhum sentido ou motivação para as crianças. O momento da contação demonstrava acontecer apenas como passatempo, sem prévio planejamento no preenchimento

do tempo para prender a atenção das crianças, entre uma atividade e outra da rotina escolar. Diante do que fora observado, buscamos a investigação dessa temática junto a crianças que ainda se encontram no processo de aquisição da escrita convencional, no sentido de observar no funcionamento da prática de contação de histórias, como o gosto pela leitura pode ser estimulado.

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Padre Emídio Viana Correia, localizada na cidade de Campina Grande – PB, junto a uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, envolvendo uma professora e crianças de 06 anos de idade. Quanto à metodologia, optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso. A pesquisa qualitativa é caracterizada pela construção do conhecimento, de acordo com hipóteses e interpretações que o pesquisador constrói. Desse modo, utiliza o ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador é o principal instrumento, ou seja, o contato do pesquisador com o ambiente da situação investigada é evidenciado através do trabalho de campo. Os problemas serão estudados no ambiente da maneira como acontecem e o pesquisador não pode manipular os resultados. Conforme aponta Ludke (1986, p.12),

A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo.

Das várias formas que a pesquisa qualitativa pode assumir destaca-se o estudo de caso, que procura investigar um caso simples ou específico, devendo ser bem delimitado e ter seus contornos bem definidos no desenvolver do estudo, que se constitui numa unidade dentro de um sistema mais amplo. De acordo com Ludke (1986), as características fundamentais dos estudos de caso são:

- Os estudos de caso visam às descobertas: Mesmo que o investigador parta de alguns pressupostos teóricos iniciais ele procurará manter-se de acordo com novos elementos que podem emergir como importantes durante o estudo;
- Os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”: Um princípio básico deste tipo de estudo é que para uma apreensão mais completa do objeto é preciso levar em conta o contexto em que se situa;

- Os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma completa e profunda: O pesquisador procura revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo;
- Os estudos de caso usam uma variedade de fonte de informação: Ao desenvolver o estudo de caso, o pesquisador recorre a uma variedade de dados, coletados em diferentes momentos, em situações variadas e com uma variedade de tipos de informantes;
- Os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas: O pesquisador procura relatar as suas experiências durante o estudo, de modo que o leitor ou usuário possa fazer as suas “generalizações naturalísticas”;
- Os estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vistas presentes numa situação social: Quando o objeto ou situação estudado pode suscitar opiniões divergentes, o pesquisador vai procurar trazer para o estudo esta divergência de opiniões revelando ainda o seu próprio ponto de vista sobre a questão;
- Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa: Os dados do estudo de caso podem ser apresentados numa variedade de formas, tais como dramatizações, desenhos, fotografias, colagens, slides, discussões, mesas redondas etc.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas gravações de situações em que histórias eram lidas/contadas para as crianças em sala de aula; e entrevista com a professora da turma. A entrevista tem sido uma técnica utilizada para coletar dados, sendo um processo no qual as pessoas já estão acostumadas; no entanto, a entrevista científica exige método rigoroso para analisar os dados que traz. Será utilizada a entrevista por roteiro, tendo em vista orientar o pesquisador sobre o que deseja saber dos sujeitos entrevistados.

A utilização da entrevista se dá pelo fato de ser um excelente meio de encorajar respostas mais completas e detalhadas, embora também seja para muitos um momento de tensão. Por isso, o local deve ser o mais tranquilo possível, e tem que haver o clima de confiança, já que o que se busca é autenticidade nas respostas da pessoa que vai expor a sua opinião. Neste sentido, Malheiros (2011, p.136) ressalta:

Na abordagem qualitativa a entrevista, assim como a observação, está orientada a mensurar a realidade que investiga. Portanto não se preocupa com os detalhes da fala do entrevistado, mas com a contagem de

determinado evento, o que pode eventualmente, ser acompanhado por dados complementares, como a expressão daquele que fala.

As entrevistas podem ser realizadas com um roteiro previamente estabelecido, que orienta o pesquisador; ou sem roteiro, com questões abertas e flexíveis, pois o entrevistador deixa a pessoa entrevistada livre para falar sobre o assunto em questão.

O registro da entrevista foi realizado com um gravador, o qual costuma ser utilizado por pesquisadores na área da investigação científica, por permitir a transcrição literal da fala do entrevistado. Para que a coleta dos dados seja realizada por meio de um gravador é necessário que o entrevistado autorize. Dessa forma, ressalta Malheiros (2011, p. 199) que “Após a coleta realizada com o gravador como foi sugerido em relação aos métodos de análise, o ideal é que se transcrevam integralmente as falas. A transcrição permite um maior mergulho nos dados e facilita seu manuseio”.

Os dados desta pesquisa foram registrados através do gravador do celular da pesquisadora, a qual realizou uma entrevista com a professora do primeiro ano do ensino fundamental, e logo após, transcreveu-a integralmente, analisando cada resposta citada pela professora entrevistada. Também foram analisados e transcritos alguns dos momentos de contação/leitura das histórias.

O trabalho está estruturado de forma que o tópico 2.1 ressalta a importância da leitura como algo essencial para a sociedade contemporânea, além de retratar algumas formas do professor incentivar a leitura prazerosa. No tópico 2.2, buscamos demonstrar que nas séries iniciais o ideal é trabalhar com a literatura, pois o público infantil tem mais afinidade e, a partir dela, a criança utiliza a imaginação e a fantasia para explorar o mundo a sua volta.

O item 2.3 relata a evolução da Contação de histórias, a qual existe a milhares de anos, tendo como função passar os valores de uma geração para a outra. Ainda neste item, discutimos acerca de métodos e recursos que poderão ser utilizados na contação/leitura de histórias, apresentando vários métodos que podem ser aplicados na sala de aula pelo professor; são materiais simples que os próprios professores podem fabricar para alcançar com mais facilidade o encantamento do universo maravilhoso que está por trás de cada livro. Desse modo, o leitor encontrará elementos para uma reflexão sobre a importância dos contos de fadas para a formação da moralidade e da personalidade dos pequenos leitores e que este é o gênero textual indicado para a faixa etária escolhida para se trabalhar na pesquisa.

O último item do artigo, intitulado “Um encontro com a realidade investigada: concepção docente e a prática da contação de histórias na sala de aula”, trata da pesquisa

realizada com uma professora do 1º ano do ensino fundamental, onde buscamos identificar o que ela entende por contação de histórias e como ela aplica diariamente com seus alunos esta contação; se os alunos gostam desse momento e quais as intervenções realizadas. Por fim, discutem-se as concepções e práticas docentes, a partir de entrevista com a professora da turma investigada.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

A leitura é utilizada em qualquer ação que se faça na sociedade, não servindo apenas para obter informações ou para se comunicar. Ela é essencial em qualquer área do conhecimento. Além das necessidades de uma leitura social, faz-se necessária a compreensão, pelo leitor, do texto com suas palavras. Ler não é dizer somente o que está escrito no papel, indo além do que está escrito no texto; desse modo, cada pessoa lê e faz interpretações de diferentes formas, dependendo da leitura de mundo e das experiências que possui. Sobretudo quando se entende que “o leitor é um caçador que percorre terras alheias [...] Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro impõe” (CHARTIER 2009, p. 77). Podemos dizer que há uma flexibilidade nas formas de compreensão de um texto³, ou seja, nas leituras que se faz de cada texto. Partindo desse pressuposto, Kleiman (apud RANGEL, 2005, p. 19) ressalta:

Esta “flexibilidade” marca então a leitura como uma atividade individual, demandando competências próprias de um leitor ideal que considere o texto e suas possíveis leituras. Por isto a leitura é sempre diferente de leitor para leitor, ao aplicar os conhecimentos prévios, as estratégias de leitura próprias de cada um e as habilidades linguísticas [...].

A escola, através do trabalho do professor na sala de aula, é o principal local de formação de leitores, cabendo-lhe incentivar a leitura e preparar os alunos para o mundo, mostrando-lhes a importância da leitura de forma crítica e criativa, mas fazendo com que esses alunos se posicionem criticamente sobre o que leu. Atualmente, as escolas possuem bibliotecas com diversos livros, possibilitando que professores os utilizem como ferramenta

³ **Texto:** é um conjunto de palavras e frases encadeadas que permitem interpretação e transmitem uma mensagem. É qualquer obra escrita em versão original e que constitui um livro ou um documento escrito. Um texto é uma unidade linguística de extensão superior à frase.

para o aprendizado, bem como para despertar o gosto dos alunos pela leitura. Segundo Debus (2006, p.84),

Construir um ambiente propício à leitura, na própria sala de atividades ou num espaço específico, como biblioteca central, é de fundamental importância ao pensar o exercício literário com as crianças. Um local em que as crianças e o professor possam ter acesso aos livros, que possam tocá-los, cheirá-los, abraçá-los, mordê-los, enfim, que vivifiquem as palavras e as ilustrações ali encerradas. Quando planejamos espaços específicos para a leitura, não se devem seguir as regras e sistematizações de uma biblioteca como se efetivaram historicamente: local de silêncio e repressão.

Através da leitura o leitor amplia seus conhecimentos, ao mesmo tempo em que mergulha em um universo de emoções e de significação. Temos que ler para nos informar; para informar alguém sobre algo; ler para buscar novos conhecimentos; para poder comprar um objeto; ler para ser alguém; para se divertir; ler para descansar; para fugir dos problemas ou para solucioná-los. Como mostra o documento “Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento de Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2012, p.47),

A leitura é uma prática de interação social, é encontro de sujeitos: leitor e autor, mediados pelo texto. É ainda um processo que exige um trabalho de compreensão textual, tendo em vista seus objetivos e seus conhecimentos sobre o assunto e o tema, o autor, a linguagem e a língua, o gênero textual.

Durante a leitura, o leitor põe em ação estratégias cognitivas de seleção, antecipação, inferências e verificação de informações do texto lido. Com base no documento já citado, no eixo leitura outro aspecto a se considerar é o “gosto de ler”, o qual é apreendido por meio da interação com outros leitores que lêem.

Nesse sentido, a escola tem uma função muito importante que é fazer com que o sujeito ampliar sua capacidade de leitura do mundo, pois uma educação que seja libertadora, humanizada e transformadora tem sua origem na leitura. Em relação a isto, Frantz (2005, p. 21) mostra que “da mesma forma na organização de uma sociedade mais justa e mais democrática, que vise ampliar as oportunidades de acesso ao saber não se pode desconhecer as importantes contribuições políticas da leitura”.

O ato de ler e o de ouvir histórias podem auxiliar em nos tornar cidadãos críticos, pois através da leitura reconhecemos o mundo dos outros, o nosso mundo, e o mundo todo; no sentido em que podemos construir opiniões, debater, compreender o que está acontecendo ao

nosso redor, ampliar nossos conhecimentos e apreender. A leitura não é apenas a apropriação do ato de ler e escrever e sim um conjunto de práticas culturais que envolvem uma compreensão do/de mundo diferente daqueles que não têm acesso a ela. A leitura cria nossas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir, pois ela nos proporciona momentos de reflexão acerca dos temas que aborda.

No documento acima mencionado são enfatizadas três dimensões de leitura, a saber: “Dimensão Sociodiscursiva”, que tem a ver com aspectos de interlocução, a relação autor e texto; “Desenvolvimento de Estratégias Cognitivas”, que significa saber antecipar sentidos, elaborar inferências, estabelecer relações entre as partes do texto. E a terceira e última dimensão diz respeito à “Análise Linguística” que engloba o sistema alfabético, o domínio das correspondências entre letras e grupos de letras e fonemas de algumas convenções ortográficas. Quando a criança se interessa pela leitura, sua imaginação é estimulada bem como o desenvolvimento comunicativo, na interação com o narrador, com os colegas e na interação sociocultural.

2.2 O ENSINO DA LITERATURA INFANTIL

É muito importante para o aluno a convivência com vários tipos de textos, pois cada um terá uma função diferente na relação texto-mundo. No entanto, nas séries iniciais o ideal é que se trabalhem mais textos literários, pois com estes o leitor infantil tem mais afinidade. Com estes textos, o leitor se envolve de forma mais abrangente apelando para suas emoções, sua fantasia, além de seu intelecto.

Antes de tudo, é importante trazer para esse texto a concepção de literatura, segundo Abreu (2006, p. 41), quando afirma que “[...] literatura [...] é um fenômeno cultural e histórico, e portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais”. Ao mesmo tempo em que a literatura se caracteriza por ser simbólica, ela não imita o real, mas o mostra de forma crítica e emocionada. Ela recria a realidade e apresenta-se como elo na tradução de uma dada realidade. Mesmo através da fantasia podemos encontrar elementos da nossa realidade, mostrada através de uma linguagem simbólica. “Assim de modo geral a literatura permite ao leitor descobrir novos sentidos para a realidade, ampliando e enriquecendo a sua percepção de ser humano, do mundo e de si mesmo” (FRANTZ, 2005, p.29).

A literatura atinge a universalidade, pois ela busca a essência e não as aparências, ela pode partir do particular, mas busca atingir uma dimensão mais ampla. A partir dela, o sujeito

sente a maneira de pensar de outros homens que vivem em tempos e lugares diferentes. No momento em que o leitor decide ler ele terá que descobrir e interpretar as pistas que o escritor lhe dará para que as ideias, as formas, as linguagens sejam algo que lhe dê prazer.

A literatura desempenha um papel fundamental em relação ao leitor infantil, sujeito observado neste estudo. É por meio da fantasia, imaginação, emoção e do lúdico que a criança aprende a sua realidade e lhe atribui um significado. O mundo da arte se aproxima muito do universo infantil, pois os dois falam a mesma linguagem simbólica e criativa. O mundo para as crianças é do tamanho da fantasia e alcança até onde vai sua imaginação e do artista. Como discorre Frantz (2005, p.35),

A brincadeira, o jogo, a fantasia, são formas utilizadas pela criança para explorar, conhecer e explicar o mundo. Com o auxílio da fantasia, da imaginação ela penetra mundos os mais desconhecidos e distantes em busca de respostas para suas inúmeras indagações. Por tudo isso, acreditamos, nenhum outro texto pode realizar esta tarefa melhor do que a literatura dirigida para as crianças, uma vez que nelas esses aspectos são igualmente considerados essenciais.

Enquanto lúdica a literatura pode proporcionar prazer através da sonoridade, ritmo e do jogo de palavras e de imagens tornando assim uma gostosa e emocionante experiência para as crianças. A literatura é ferramenta preciosa de uso das escolas. É uma dessas possibilidades de uso, diz respeito à contação de histórias, uma atividade que vai além da imaginação, permitindo aos alunos aprenderem a lidar com as emoções; é uma viagem sem fim recheada de aventuras que prendem a atenção da criança do meio ao fim.

2.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Outra sugestão para despertar o gosto das crianças pela leitura é a contação de histórias. A partir dela é possível ampliar o senso crítico, psicológico e social dos alunos, pois ao escutá-las eles geralmente questionam a ação dos personagens e tentam compreender o sentido das palavras do texto, ampliando seus horizontes. É também uma forma do professor abordar conteúdos importantes de forma lúdica, o que fará com que os alunos se encantem por uma boa leitura. Conforme Bussato (2008, p. 45), “Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível de pensamento, e, sobretudo as dimensões do mítico-simbólico e do mistério”.

A arte de contar histórias é uma atividade que faz parte da rotina humana há milhares de anos. Pessoas de todos os lugares, raças, tradição ou cultura contam histórias com objetivos diferentes, seja para divertir, ensinar, lembrar ou até para passar o tempo. A contação de histórias surgiu muito antes da escrita, prova disso é que hoje existem diversos tipos de histórias como ficção, romance, suspense, contos de fadas, terror, entre outros. No entanto, até hoje as pessoas ainda mantêm a tradição de contar histórias oralmente.

Contar histórias vai além de pegar um livro e ler o que está escrito, trata-se ainda de criar um clima especial em relação ao que está sendo lido, de modo que a criança ao ouvir a história possa viajar ao mundo da fantasia e trazer a história para sua realidade. O professor deve escolher com cuidado os textos de seus alunos para que venha a aumentar seus interesses. É preciso observar se o texto está de acordo com a sua faixa etária para que haja melhor compreensão, pois, a história é o alimento da imaginação da criança. Desta forma, se a leitura do professor estiver de acordo com o interesse dos alunos, poderá ser um momento divertido e mágico e aumentará a curiosidade dos alunos para saber ler o que está escrito nos livros.

O ato de contar histórias proporciona aos ouvintes o desenvolvimento da imaginação, dos aspectos cognitivos, sociais e emocionais; além disso, enriquece o vocabulário, proporciona aos alunos ouvintes a convivência com regras, pois para ouvir uma história é preciso silêncio, concentração, atenção e respeito a quem está contando e saber o momento certo de intervir. Na formação de uma criança, ouvir histórias é o início para que ela aprenda a ser um leitor, e assim descobri um caminho de prazer, o que o leva a ter uma maior compreensão de mundo. Foi confirmado por vários autores que as crianças se encantam ao ouvir histórias e que estas trazem benefícios e sentimentos, além de momentos agradáveis e de prazer. Diante disso, Abramovich (1997, p. 17) afirma:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, é viver profundamente tudo que as narrativas provocam em quem as ouve — com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma fez (ou não) brotar... pois ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.

O professor precisa mostrar o ritmo que cada narrativa pede, de forma que demonstre saber usar as modalidades e possibilidades da voz, como: sussurrar quando o personagem fala baixinho; levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo; ou falar de mansinho quando a ação é calma; falar baixinho também, no momento de reflexão ou de dúvida; usar

com humor os ruídos, os espantos, tentar dar longas pausas no momento que introduz o “Então...”, para que haja tempo das crianças imaginarem o que irá acontecer e valorizar o momento em que acontece o conflito e dar tempo para que os ouvintes tomem suas posições. Como mostra Abramovich (1997, p. 24), “ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores. É encantamento, maravilhamento, sedução[...]. O livro da criança que ainda não ler é a história contada”. Uma história bem contada é uma das atividades mais significativas, abrangentes e suscitadoras de emoções e fantasias, dentre muitas outras existentes no universo infantil.

Os professores não devem abandonar a arte de contar histórias. Atualmente, percebemos que os pais estão ocupados com seus afazeres profissionais ou sentem-se despreparados para acompanhar os filhos nas atividades. A escola, então, tem que fazer com que esta arte não se perca no tempo, mesmo sabendo que a formação leitora não se faz unicamente pela escola, pois os pais e o ambiente familiar também são agentes importantes para intermédio da leitura. De acordo com Brasil (1998 apud FERREIRA, 2007, p. 10),

Por mais que se tenha a intenção de trabalhar com atitudes e valores nunca a instituição dará conta da totalidade que há para ensinar. Isso significa dizer que parte do que as crianças aprendem não é ensinado de forma sistemática e consciente e será apreendida de forma incidental.

Em meio a tanta tecnologia, a contação de histórias é uma maneira lúdica e eficaz que amplia e enriquece o imaginário da criança, associando o mundo ou a realidade a sua volta. Como o mundo está em constante transformação, o profissional da educação não deve esquecer os avanços tecnológicos, pois se fazem cada vez mais presentes em nosso cotidiano e precisam ser considerados durante o processo de ensino.

Alguns educadores, por falta de conhecimento, informação e preparo para lidar com tantas mudanças tecnológicas, deixa de utilizar a contação como ferramenta auxiliar na formação de futuros leitores e no processo de ensino-aprendizagem. Para Frantz (2005, p.50),

Só quem já vivenciou a experiência de contar histórias para um público atento, encantado, sabe que magia, que mistério é esse que envolve as pessoas nesse momento e que não morre apesar de toda essa tecnologia. E não só as crianças gostam de ouvir histórias, os jovens e os adultos também se deliciam com elas.

Um dos meios de comunicação tecnológico mais utilizado pela criança é a TV, muitas passam a maior parte do tempo assistindo e isso causa a falta de interesse pela leitura. Por ser

algo comum na vida das crianças, a mesma é um dos possíveis elementos de apoio para o educador, visando à relação que existe entre contação de histórias, leitura e televisão.

2.3.1 Métodos e recursos que poderão ser utilizados na leitura/contação de histórias

Pode-se constatar que as histórias para crianças são mais interessantes se tiverem algum tipo de ilustração, e se o professor abusar de sua imaginação, podendo contar com vários métodos e recursos materiais que variam de acordo com a história a ser contada, o que contribui para que o momento seja ainda mais prazeroso, tanto para ele, como para os alunos, pois despertará ainda mais o encantamento e a curiosidade deles pela história.

A contação de história pode ser explorada por vários recursos, segundo a criatividade e boa vontade para apresentar uma boa história. Os recursos utilizados na contação fazem toda a diferença, cada recurso tem suas vantagens específicas e requer uma técnica especial. Vejamos alguns desses recursos, segundo Coelho (2003):

- **Simple Narrativa**

Simplesmente a mais fascinante de todas as formas de contar histórias, antiga, tradicional e uma autêntica expressão do contador de histórias. O narrador utiliza apenas a sua voz e sua postura para executar esse recurso, pois, com as mãos livres, sua força se concentra na expressão corporal. “É a maneira ideal para contar uma história e a que mais contribui para estimular a criatividade” (COELHO, 2003, p.32). Segundo essa autora, as utilizações de ilustrações em determinadas histórias podem desviar a atenção dos ouvintes, que devem se fixar no narrador, para não perder o encantamento da história.

- **Com o livro**

O professor poderá fazer uso do livro para mostrar imagens, chamar a atenção de algum detalhe da história, ler uma frase, até mesmo levantar hipóteses sobre o que irá acontecer. De acordo com Coelho (2003), existem textos que indispensavelmente requerem a apresentação do livro, pois a ilustração o complementa, mostrando-se tão rica quanto o texto. Quando os livros possuem uma beleza no tema e uma interação gráfica, o narrador deve mostrá-los durante a narrativa. Quando apresentado, além de incentivar o gosto pela leitura (mesmo no caso dos não alfabetizados), contribui para desenvolver a sequência lógica do

pensamento infantil. Porém, convém lembrar que se for um livro de pouco texto e de ilustrações abundantes, o professor deve narrar quase textualmente, com certas alterações na linguagem, indo desde variações de entonação até imitações típicas de determinados personagens, com o intuito de melhor caracterizá-los e, assim, envolver as crianças.

É importante, também, promover o diálogo, conversando com os alunos no decorrer da história, promovendo a interação; pois, segundo a autora, é este o momento ideal para atribuir às palavras um significado real, concreto, extinguir preconceitos e ideias falsas, aproveitando todas as oportunidades para ajudar as crianças a crescer e pensar.

- **Com gravuras**

Alguns livros de formato pequeno, de ilustrações que antecipam acontecimentos ou não se correspondem com o texto, histórias em revistas ao lado de outras matérias e anúncios diversos inviabilizam a utilização do livro como recurso ilustrativo. Dessa forma, é aconselhável que as gravuras sejam reproduzidas e ampliadas em papel resistente, visíveis para o grupo de ouvintes e, no caso de revistas, as cenas poderão ser recortadas e montadas em quadrados ou retângulos de cartolina, duplo, complementando-se se necessário para obter um visual mais bonito, considerando sempre os elementos essenciais da história. Coelho (2003), lembra que as gravuras favorecem, sobretudo, as crianças pequenas, permitem que elas observem detalhes e contribuem para a organização do seu pensamento, facilitando, mais tarde a identificação da ideia central, dos fatos principais ou secundários.

- **Flanelógrafo**

Quando um personagem principal entra e sai de cena, movimenta-se bastante dentro do enredo das histórias, o recurso ideal e muito prático para ser usado é o flanelógrafo, como afirma Coelho (2003).

No flanelógrafo as gravuras devem ser desenhadas, ampliadas ou pintadas em papel grosso, recortadas e no verso pode ser colado velcro, lixa grossa, palha de aço fina, tiras de fita dupla face, areia fina ou qualquer material que mantenha a gravura presa à flanela, que é a base do flanelógrafo. É preciso que o enredo e os personagens sejam bem destacados, a história deve ser contada progressivamente e as crianças também poderão manipular as figuras para contar ou recontar a história. Segundo Coelho (2003), o uso do flanelógrafo não

deve ser confundido com a apresentação de gravuras, são situações distintas para histórias diferentes. Na gravura a cena é reproduzida e no flanelógrafo, cada personagem é colocado individualmente, ocupando seu lugar no quadro, o que dá ideia de movimento. Vale ressaltar que usar o flanelógrafo não é tomar qualquer gravura, reproduzi-la, fixar um pedaço de lixa no verso e colocá-la no quadro de flanela, pois o importante nessa técnica é a ação do personagem principal, num movimento constante (Coelho, 2003).

2.3.2 Os contos de fadas na contação de histórias

As histórias a serem contadas podem ser buscadas na literatura oral, a exemplo dos contos de fadas, fábulas, mitos e lendas ou podem também ser buscadas nos autores contemporâneos. Deteremos-nos um pouco aos contos de fadas.

Os contos de fadas também são conhecidos como contos maravilhosos, são variações de contos populares com um pouco mais de magia, onde geralmente tudo se discorre de forma descritiva, e através dos heróis com poderes surreais que vivem em um mundo fantástico. Algumas características são próprias dos contos de fadas: nem sempre possuem fadas no seu enredo, animais falantes são muito mais comuns; o herói ou heroína estão sempre em busca de uma realização pessoal e geralmente não possuem nomes próprios, apenas são apontados como a princesa, o rei, a rainha, a mãe, a madrasta, a bruxa e assim por diante. São apresentados nomes próprios, geralmente um nome comum, justamente para indicar que poderia ser qualquer criança a personagem daquela história.

Os contos de fadas existem há milhares de anos, mas nem sempre tiveram esta magia e encantamento que tem hoje. O bem não costumava vencer o mal, os cenários não eram coloridos, nem doces e o final do conto não culminava em “felizes para sempre”. Os que eram escritos inicialmente possuíam um enredo assustador e assombroso, esse enredo foi modificado, pois o olhar sobre a criança mudou. Hoje, as lutas entre as forças do bem e do mal são sempre solucionadas e o vilão, por mais ameaçador que pareça, sempre sai perdendo e tem um terrível fim. Os produtores hoje se preocupam com o impacto que o conto possa produzir nos leitores e como suas histórias podem influenciar na vida das crianças.

Os contos de fadas são caminhos de descobertas, desenvolvimento da imaginação, e fascínio. Os contos partem de problemas bem simples, como a pobreza de João, a carência de Cinderela, ou o conflito entre filha e a madrasta em Branca de Neves, que são encontradas hoje na realidade de muitas crianças. Neste sentido, Bussato (2008, p.31) ressalta que “[...]O

conto de fadas encerra conteúdos simbólicos acessíveis ao espírito da criança, capazes de mobilizar seus afetos”.

Muitas das respostas para as perguntas que as crianças possuem sobre o mundo são norteadas pela fantasia que elas encontram nos contos de fadas, e isto ocorre porque os enredos das histórias se parecem como a forma que elas veem e imaginam o mundo. Os contos de fadas são tão ricos, que pesquisadores psicanalistas, sociólogos, antropólogos, psicólogos se apropriaram deles, tomando-os como base de investigação científica, a exemplo de C.G.Jung e Marie-Louise Van Franz que partem dos temas clássicos para os estudos sobre o processo psicanalítico, já que os “contos de fadas fornecem representações de processos instintivos da psique que possuem validade geral”. (BUSSATO, 2008 apud FRANZ, 1995, p. 09).

Por meio dos contos de fadas as crianças podem aprender sobre alguns problemas que envolvem o mundo que as cercam, sobre os conflitos que as pessoas enfrentam e suas soluções. É uma oportunidade para que a criança conheça a cultura, construa regras morais; o que também contribui para a formação subjetiva dos pequenos e de suas perspectivas em relação ao mundo em que vivem, determinando valores e personalidades.

A contação de histórias proporciona às crianças mais interatividade com os livros e leitura, para que as mesmas comecem desde cedo a formar sua capacidade leitora. Relata-nos Abramovich (1997, p. 18) que

A contação de histórias é o processo de envolver a criança e o jovem, de modo que os mesmos se integrem nos personagens, sintam a história de perto. Isso deve ser formalizado pelo professor que deve se entregar totalmente ao processo de contação, com voz, gestos, roupas, entre outros. Contar uma história é uma arte... e tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido[...].

Desse modo, sugere-se conquistar a atenção do público-alvo, para que possa criar e desenvolver o hábito de leitura em todas as ocasiões. É muito importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, pois escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor e assim ter um caminho de descobertas e de compreensão do mundo. Conforme Bussato (2008), contamos histórias para formar leitores. Ler histórias para crianças é poder sorrir, gargalhar com o que acontece com os personagens, com a ideia do que é contado ou com o jeito que o autor escreve, é ser como cúmplice deste momento de descontração e de divertimento.

3 UM ENCONTRO COM A REALIDADE INVESTIGADA: CONCEPÇÃO DOCENTE E A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA SALA DE AULA

O objetivo principal deste item é mostrar como foi realizada a pesquisa de campo. A professora do 1º ano conta histórias para seus alunos todos os dias. A observação desses encontros, para que os dados pudessem ser coletados, ocorreram durante duas semanas. Durante 04(quatro) dias letivos, a pesquisadora esteve presente na sala de aula, gravando os momentos de leitura/contação de histórias. Além desses momentos, a entrevista com a professora da turma investigada foi gravada por meio de aparelho celular (IPHONE 4).

A escola investigada, denominada de Escola Municipal Padre Emídio Viana Correia, pertence à esfera pública municipal e localiza-se no bairro do Jeremias, zona urbana da cidade de Campina Grande – PB. Os níveis de ensino que a escola atende são: pré-escolas (de meio período); ensino regular fundamental (meio período nos anos iniciais); e EJA (no turno da noite). A escola possui em sua estrutura física 05(cinco) salas de aula, 01(uma) secretaria, 01 (uma) biblioteca, 01(um) pátio, (01) uma cozinha, e 02 (dois) banheiros.

Posteriormente, relataremos como aconteceram os momentos de contação de histórias na sala de aula e no tópico 3.1 será analisada a entrevista que foi realizada.

Tendo como análise a forma como a professora conta histórias para as crianças, com vistas à formação de leitores e ao desenvolvimento social, cognitivo e cultural; percebe-se que a leitura/contação de histórias é fundamental. Porém, para o desenvolvimento de tal atividade, um bom planejamento é essencial. Coelho (2003, p.26), ressalta:

Quem se propõe a contar uma história, e a estuda tendo em vista as características dos elementos que a compõe, adquire maior confiança, familiariza-se com os personagens, vivencia emoções que poderá transmitir, fazendo as adaptações convenientes e trabalhando cada elemento com a devida técnica.

A professora pode fazer as adaptações das histórias que não significará necessariamente modificar as histórias para que estas se tornem mais espontâneas, e para que seja dado um tom harmônico à narrativa como um todo.

Durante as gravações, foi possível observar que a professora da turma investigada ao anunciar a história acontece um rebuliço na sala antes que ela seja contada, pois todas as crianças querem ficar próximas da professora. Ela acomoda todas as crianças sentadas no chão em semicírculo, de forma que todos possam vê-la. A contação da história no início da aula parece ser um momento oportuno, pois os alunos estão com uma maior disposição para

concentração. É interessante que a contação seja um momento de prazer e não seja confundido com um momento obrigatório de uma rotina de aulas, pois é possível que, a partir da contação, a criança desenvolva o interesse pela leitura.

A professora desperta o interesse dos pequenos contando histórias todos os dias, a mesma varia a forma da leitura, ler antecipadamente o que irá contar. Para Coelho (2003, p. 13), “o sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador(...)”. O professor tem que se preocupar com a forma que conta as histórias, pois estas são fonte de prazer para a criança e ajuda no seu desenvolvimento.

Era perceptível a forma que a professora elabora seu planejamento e a contação de histórias para as crianças. Observamos que se trata de um momento mágico, em que as crianças vivenciam, comparando com os momentos vividos através de situações onde a própria criança se sente como se estivesse assumindo o papel principal da história. Para Bussato (2008, p.47),

Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos sim narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade.

A professora mostra as figuras contidas nos livros e utiliza entonação de voz, o que faz com que os alunos fiquem mais atentos à história. Vejamos o trecho do recorte abaixo:

Professora:- Para construir a sua casinha, O segundo porquinho pediu madeira para fazer sua casinha para que sobrasse dinheiro para comprar docinho, já o porquinho mais velho comprou cimento, cal, ferro e vários tijolos, construiu uma casa forte gastando mais que seus irmãos. Logo, logo um lobo mal que morava naquela região ficou sabendo dos três porquinhos e pensou: Oba terei leitão para jantar. Óh o lobo.

Criança:- Eu to vendo o lobo e a casa.

Professora:- Óh o Lobo.

Criança:- Ele vai conseguir derrubar.

Professora:- Será?

Criança:- As duas casas.

Professora:- Ele procurou...

Criança:- Os três porquinhos.

Professora:- Procurou e até que encontrou a casinha de palha e foi logo gritando: Abram esta porta, senão a casa vai por ares. Não abro, Não abro seu lobo malvado, respondeu o porquinho. Então o lobo estufou o peito e soprou, AHFUU, AHFUU, e a casinha foi pelo chão, o porquinho saiu correndo e se abrigou na casinha de madeira junto com seu irmão. O lobo saiu mais que depressa correndo atrás, chegou na casinha de madeira estufou

o peito e mais uma vez AHFUUUU, soprou e a casinha foi pelo chão e os dois porquinhos saíram correndo fugindo do lobo mal...”

(Recorte, Transcrição 1º dia – 12/04/2016)

A naturalidade em que se conta a história depende da segurança apresentada pela professora. Esta parece ser adquirida pela experiência em sala de aula e pelo conhecimento do texto da história lida ou contada, além do domínio da técnica que a prepara para contar e ler. Como mostra Coelho (2003, p.50), “é necessário exercitar a criatividade, para recriar o texto, com originalidade sem modificar a estrutura essencial”. As emoções são transmitidas principalmente pela voz que são o principal instrumento do narrador.

A professora canta em alguns momentos da história o que deixa as crianças animadas “**Professora:-** E saíram pela floresta cantando feliz: - QUEM TEM MEDO DO LOBO MAL, LOBO MAL, LOBO MAL. CÊ TEM? EU NÃO” (Trecho do recorte da Transcrição 1º dia – 12/04/2016). Segundo Coelho (2003, p. 27), “Estudar uma história é também inventar uma música ou adaptar a letra a músicas conhecidas, conforma sugestão do texto, que são introduzidas no decorrer do enredo ou no final”. E isto faz com que a narrativa seja complementada através da música.

Além de explorar as imagens contidas no livro, durante a contação das histórias, a professora leva as crianças à biblioteca da escola uma vez por semana. Para Debus (2006, p.84) “Construir um ambiente propício a leitura, na própria sala de atividades ou num espaço específico como biblioteca central, é de fundamental importância ao pensar o exercício literário com as crianças”. Para que elas estejam sempre em contato com os livros e possam folheá-los, fazendo com que os pequenos expressem suas opiniões no final de cada história, formando um comportamento de futuros leitores.

Os alunos observam atentamente a professora contar as histórias, e vez ou outra fazem interrupções:

Professora:- E a nossa historinha começa [...] pobre Pedro tão pirralho, pequenino e já tem um problemão. Para onde pulou a pulga? E aí?

Criança:- Tia, ontem foi dia de que?

Professora:- Calma, a gente chega lá.

(Recorte2, Transcrição 3º dia – 18/04/2016)

São raras as interrupções que as crianças fazem durante a contação. Quando ocorrem, elas apresentam motivos variados. Numa dessas interrupções, como observado no recorte acima, o motivo não parece relacionado com o que está sendo contado, transparecendo apenas

uma forma da criança chamar a atenção da professora. Coelho (2003, p. 55), afirma que “Em nenhum caso o narrador interrompe a narrativa. Se foi um adendo confirma-o com um sorriso, uma palavra, um gesto de assentimento”. E se for por dúvidas relacionadas ao texto pode-se olhar para a pessoa que interrompeu, sorri e pedir para que aguarde fazendo um gesto, e depois de terminar a narração, pergunta-lhe o que estava querendo dizer ou indagar.

Conforme dados transcritos, observou-se ainda, que no final da contação é que acontece uma interação mais intensa entre professora e crianças, mediada pelo diálogo através de questionamentos.

“Professora:- Como é o nome da nossa historinha?

Crianças:- Os três porquinhos.

Professora:- Quem escreveu a historinha pra gente?

Crianças:- Patrícia Amorim [...]”

(Recorte Transcrição 1º dia – 12/04/2016)

É interessante que os comentários sejam de forma a propor questões interpretativas, no entanto não precisa destacar a mensagem contida na história, pois as crianças por si só percebem esta mensagem e as dizem nas colocações que fazem. Nesse sentido, destaca Coelho (2003, p.57): “São comentários interessantes, oportunos, engraçados, algumas denunciando conflitos existenciais”. Estes comentários das crianças são capazes de evidenciar os efeitos que a história contada trouxe, além de avaliar sua maior ou menor repercussão.

No geral, o modo como a professora conta as histórias para seus alunos demonstra que elas irão contribuir para a formação leitora das crianças, uma vez que ela utiliza diferentes técnicas durante a contação, as quais cativam seus alunos e estes se sentem envolvidos na trama da história contada. Ela faz os alunos se sentirem seduzidos pela magia das palavras, fazendo-os experienciar novos saberes. Estas experiências que são vividas nestes momentos não se encerram ao final das histórias, pois todos os dias uma nova história é contada, e a professora se prepara para a contação escolhendo ótimas obras literárias e dando o melhor de si e de seus gestos, conta as histórias com o coração e não com a obrigação de que as histórias vão contribuir com os conteúdos que ela irá trabalhar.

3.1 Concepções e práticas docentes - entrevista com a professora.

Conforme já mencionado, a entrevista foi realizada com uma professora do 1º ano do Ensino Fundamental. Foram elaboradas 07(sete) questões dissertativas referentes às

concepções teóricas e utilização da contação de histórias que norteiam a prática da professora entrevistada. Traçando seu perfil, verificamos que a colaboradora tem 31(trinta e um) anos de idade, possui formação em Pedagogia e Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Seu tempo de atuação profissional é de 15(quinze) anos, contudo, enquanto professora da rede Municipal de Campina Grande, onde a pesquisa foi realizada, está em atuação há 08(oito) meses.

A partir da primeira pergunta feita (*O que você entende por contação de histórias?*), obteve-se a seguinte resposta:

O momento de contação de histórias é o momento onde a gente tenta fazer com que o aluno crie novas expectativas e saia do mundo em que ele está, e entre para um mundo irreal, que é o mundo da leitura; através de gestos, através de entonação de palavras; mas que tem que ser uma coisa prazerosa em primeiro lugar e que levem a eles quererem também depois conhecer esta história mais profundamente.

Pode-se perceber que a professora enfocou o conceito ilustrado, principalmente em relação à leitura, ao mesmo tempo em que ela abordou muitas funções que podem ser desempenhadas através da atividade de contação de histórias. Para Abramovich (1997, p.24) “Um das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre de ouvir uma boa história, quando bem contada”. A criança se faz penetrar pela história de uma forma que conserva a significação do conto para depois a revelar mais tarde.

Quanto à segunda pergunta, queríamos saber se a professora *utiliza a contação de histórias em suas aulas e com que frequência*. A resposta foi afirmativa: “sim, todos os dias, diariamente”. A professora demonstra não se prender tanto a conteúdos e faz a contação não com a obrigação de executar algum currículo, mas para transmitir conhecimentos aos seus alunos. Além disso, a contação de histórias traz outros benefícios como criar, experimentar, estimular a memória, entre outros benefícios, sendo um bom recurso para o desenvolvimento infantil, pois é um meio para eles aprenderem conceitos e atitudes de uma forma diferenciada. (ABRAMOVICH, 1997). O contar histórias é de grande relevância para a criança, pois a partir dessa atividade o professor pode introduzir qualquer conteúdo pedagógico, uma vez que a criança assimila melhor o que é contado nas histórias por seus personagens do que na fala de um adulto.

Ao perguntar, na terceira questão, *quais seriam os métodos aplicados durante a contação*, a resposta foi: “Desde a ilustração, a ilustração é um deles, uso da sala de leitura,

vídeo e DVD”. É interessante que a professora traga novos métodos para trabalhar o momento da contação, a ilustração da história irá fazer com que as crianças demonstrem compreensão; além disso, trazer os vídeos e os DVDs para os alunos é uma forma de fugir de métodos tradicionais que são rotineiros e que não trazem inovações e motivações. Em conformidade com Debus (2006, p.82), “O mercado fonográfico possui várias coleções de fita cassete e CD com contação de histórias, muitas vezes de boa qualidade, que podem também intermediar a leitura para as crianças pequenas”. Estes recursos audiovisuais possibilitam a interação da criança com a narrativa, o que torna a contação significativa quando bem aproveitada.

Quando indagada sobre como *seus alunos gostam de ouvir a contação de história*, a professora respondeu: “pelo o que eu entendo e pelo o que eles demonstram, sim, até porque muitas vezes alguns não dão a atenção devida, mais outros dão, e, enfim, paralisam mesmo, ficam ali, entram naquele mundo irreal da história”. Uns alunos demonstram interesse, outros não, é bem possível que o método que a professora está utilizando não esteja se mostrando tão eficaz, por isso não está tendo a atenção de todos no momento da contação. Partimos do pressuposto de que “toda criança gosta de ouvir histórias. Ela associa a realidade à fantasia e geralmente se identifica com algum personagem” (FERREIRA, 2007, p. 09). Sendo assim, o ideal é que no momento da contação o professor elabore um planejamento de forma que a criança participe ativamente do momento de contação, pois ao ouvir ou contar histórias a criança sempre projeta algo de sua vida.

Quando perguntamos: *Você acredita que a contação de histórias é um estímulo à leitura? Porque você acredita nisto?* A resposta foi:

Sim, até porque através do momento de leitura e do ato de ele ver você lendo enquanto professor que ele vai desejar também pegar um livro e ler, porque se eu não leio na sala para os meus alunos eu também não ‘tou’ despertando o interesse deles de futuramente ler, eles vão ler porque se eles não me vir lendo, então assim qual o interesse de eu pedir pra eles ler, se eu não leio pra eles? Então assim só é interessante e só é estimulante o ato da leitura quando primeiramente ele me vir lendo, ele têm que saber que eu gosto de ler, que eu estou lendo pra depois ele querer ler, querer fazer o mesmo, até porque muitas vezes a gente deixa livros e a gente pega crianças lendo e dizendo assim: “eu estou lendo”, no mundo imaginário deles ele realmente está lendo, ele está decodificando letras, imagens, símbolos, e isto é uma leitura, a leitura visual.

O desenvolvimento do hábito de leitura tem grande influência do professor, pois o docente que não trabalha com contação corre o risco de ter alunos que não desenvolvam o prazer em ler, pois durante a formação da criança ouvir histórias é o início da aprendizagem para ser um bom leitor. Desta forma, o ato de contar ou ler histórias pode ser realizado em

qualquer momento e lugar, sendo necessário apenas ter quem conte e quem ouça (DEBUS, 2006). O ambiente físico e sua organização também deve ser pensado, pois se trata de como mostrar a criança a forma de utilizar a leitura de forma prazerosa, para que ela possa administrar outros protocolos de leitura.

Ao questionarmos a professora sobre se os *seus alunos se sentem motivados a ler um livro após ouvir uma história*, a resposta foi afirmativa. É importante destacar que o professor é o influenciador do aluno, principalmente em seus anos iniciais de escolaridade, uma vez que nessa fase eles estão iniciando a formação das ideias, pensamento e definições de mundo. E sobre esse aspecto, Debus (2006) discorre que o leitor deixa rastros ao longo da leitura, considerando o fato de que cada sujeito tem uma percepção particular daquilo que é lido. Os sentidos imperam nessas leituras e fazem com os alunos se sintam sensibilizados a partir da consciência material do livro.

Na última questão, inquietava-nos saber: *Que tipo de intervenção você e seus alunos fazem durante a contação de histórias?* Responde a professora: “A intervenção que eu faço durante a contação de histórias é perguntar o que eles entenderam e eles me trazer de volta algumas respostas reformulada de acordo com a leitura”. Compreendemos que a forma como a professora faz a intervenção não revela uma das melhores formas, pois mesmo o aluno podendo expor suas ideias e dúvidas após o término da história, eles não demonstram utilizarem a imaginação, e sim parecem decorar sobre questões existentes na história contada, ela poderia ao invés de fazer perguntas discutir com as crianças os conceitos existentes nas histórias e deixar os alunos livres para se expressarem.

Após análise do questionário de pesquisa é possível perceber que a professora entrevistada tem conhecimento sobre contação e aplica de alguma forma alguns métodos em sua classe, deixando claro que contar histórias nessa fase é muito importante para a formação da criança. O ouvir histórias têm como função principal estimular o aluno a querer ler, pois começam a se interessar pelas histórias lidas e se interessam em saber o que está escrito nos livros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral investigar o processo de contação de histórias numa turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, buscando analisar a constituição leitora das crianças. A contação de histórias é uma arte milenar que está presente na sociedade há

milhares de anos, pessoas de todos os lugares do mundo contam histórias com objetivos diferentes. Hoje, com a existência de livros de histórias de diversos gêneros, a função da contação de histórias não mudou muito, é discutir com as crianças determinados valores, éticas, direitos, igualdade, preconceitos e outros. Com essas histórias podemos passar aos alunos valores, ética, direitos, deveres, e assim ajudar na construção da sua personalidade e moralidade.

Embora em meio a tantos aparatos tecnológicos, a contação de histórias continua sendo uma maneira lúdica e eficaz de atingir as crianças, ampliando e enriquecendo as experiências de suas vidas. Nesse sentido, contar e recontar uma história por muitos anos é também uma maneira de preservar os valores da sociedade. As crianças que ouvem e convivem com histórias são estimuladas à exploração do mundo artístico, colaborando e desenvolvendo o intelectual e emocional.

O professor tem por dever levar o seu aluno a este mundo do faz de conta, proporcionar momentos para que sua imaginação possa fluir sem medo, e assim entrar de cabeça na história que lhe é contada. O professor que assumir o papel de contador de histórias, deve também entrar neste mundo, curtir cada palavra que sair da sua boca para contar o que vai acontecer.

Para que esta tarefa seja realizada com sucesso, ao contar histórias o professor deve incorporar personagens, ser suave, ter um tom adequado; ou seja, deve assumir uma postura especial de forma a valorizar seu conto e despertar a curiosidade do imaginário dos seus ouvintes. Dispersando as descrições minuciosas, o professor deve utilizar recursos visuais (fantoques, painéis aventais, etc.) para motivar o seu aluno a prestar atenção em cada detalhe da história, ficando os detalhes na dependência da imaginação da criança.

Através da leitura um universo de emoções se abre diante do leitor, além das informações que são fornecidas. Nessa perspectiva, a leitura serve como mediadora entre o leitor e o mundo para que esta possa agregar valores e mostrar novos horizontes para o leitor assim como para a sociedade em que está inserido. Temos que ler para nos informar; para informar alguém sobre algo; ler para buscar novos conhecimentos; ler para poder comprar algo; ler para ser alguém; ler para se divertir; ler para descansar; ler para fugir dos problemas ou ler para solucioná-los.

Sendo assim, a escola, por meio do professor, é o principal agente nessa construção do ler por prazer. Afinal, não podemos nos restringir apenas às leituras obrigatórias, já que esta pode nos servir de lazer. E é com isso que o educador deve se preocupar. Ao formar pequenos

leitores, o professor deve mostrar que a leitura é um caminho incrível, pelo qual se pode passar sem medo de chegar ao fim e ter que retomá-lo para cumprir com tarefas e obrigações.

A mediação é de suma importância para a prática do incentivo à leitura. Diante disso, motivar a criança desde cedo (através de contos e de histórias lúdicas) não é exclusividade da escola e do professor; a família também deve proporcionar o contato das crianças com a leitura, despertando o interesse dos pequenos leitores.

READING/STORYTELLING IN EDUCATION FIRST YEAR MANDATORY

Abstract:

Storytelling can be an excellent means used by teachers to promote the stimulus to reading. The fantasy in children's literature is critical for child development, which finds more meaning in the imaginary world than in adult reality. Based on this assumption, it is aim of this study: to investigate the storytelling process in a class of first year of elementary school, to investigate the contribution of these practices to the reader constitution of the children. The specific objectives are: to observe the procedures used by the teacher for storytelling; identify and characterize the interest and involvement of children with the stories told or read by the teacher; observe the dialogue between the children and between them and the teacher during the time of storytelling; discuss the importance of storytelling in order to stimulate the taste for reading. In the methodological approach, we opted for a case study of qualitative approach, using as tools for collecting observation data - through video recordings - and the interview. Thus, children were observed and a teacher was interviewed. Some authors were used as theoretical apparatus, like Abramovich (1997), Abreu (2016), Bettelheim (2004), Bussato (2008), Brasil (2012), Chartier (2009), Coelho (2003), Debus (2006), Ferreira (2007), Frantz (2005), Ludke (1986), Malheiros (2011), Rangel (2005), which treat the subject of this article in some of his books. Based on the results, it appears that storytelling for children six years of age at school stage has great influence on the formation of readers competently. In this sense, the teacher should abuse the creativity and imagination, can count on the help of various methods and material resources, varying according to the content of the story to be told. It can be concluded that it is extremely important that teachers of the initial series of storytelling they promise and its resources to stimulate their students. Through training of young readers, the teacher must show that reading is an incredible way by which you can do without fear of coming to an end and have to resume it to accomplish the tasks and obligations.

Keywords: 1. torytelling. 2. Elementary School. 3. Training readers.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ABREU, Márcia. *Cultura letrada e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. – 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de educação básica. Diretoria de currículos e educação integral. Coordenação geral do ensino fundamental. **Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental**. Explanada dos ministérios. Brasília, 2012.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do livro do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COELHO, Betty. **Contar historia**: uma arte sem idade. 10 ed. São Paulo: Ática, 2003.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança**: a leitura literária na educação Infantil. –(Coleção Pedagogia e educação). São Paulo: Paulus, 2006.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando**: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: WAK. Ed, 2007.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da Literatura nas séries iniciais**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005.

LÜDKE, Menga; André, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, p. 134-203.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola**: espaço para gostar de ler. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.

Apêndice A:

1. Roteiro de entrevista

Entrevista a professora: Socorro

Idade: 31 anos

Formação: Curso de Pedagogia

Tempo de carreira: 15 anos.

1. O que você entende por contação de histórias?
2. Você utiliza a contação de histórias em suas aulas? Com que frequência você as conta?
3. Quais métodos que você aplica no momento da Contação de histórias?
4. Os seus alunos gostam de te ouvir contar histórias?
5. Você acredita que a contação de histórias é um estímulo a leitura? Por que você acredita nisto?
6. Os seus alunos se sentem motivados a ler um livro após ouvir uma história?
7. Que tipo de intervenções você e seus alunos fazem durante a contação de histórias?

Apêndice B:

Transcrição 1º dia – 12/04/2016

(Corte)

Professora:-Mais olha só, o nome da nossa historinha de hoje é os três porquinhos.

Criança:- Eba...

Professora:- Quem escreveu essa historinha pra gente aqui foi a Patrícia Amorim. E quem fez as suas ilustrações, escreveu aqui essa em especial..

Criança:-Patrícia..

Professora:- Foi Patrícia Amorim. Ela a gente precisa...

Criança:- A mesma que escreveu Pinóquio?

Professora:- Sim, a mesma que escreveu Pinóquio. Tão existe umas outras pessoas que contam várias versão esta é a versão de Patrícia Amorim e quem fez as ilustrações com os desenho bonito pra gente foi Jean C. Ferreira. Então são estas duas pessoas em especial.

(Barulho das Crianças)

Como é que começa a história dos três porquinhos? Vamos prestar atenção Lucas.

Criança: - Os três porquinhos.

Professora: - Era uma fazenda distante morava uma família de porquinhos, um dia Dona Porca chamou seus três filhos e disse: A fazenda está à venda. Por isso quero que vocês fujam para bem longe onde estarão em segurança. Os porquinhos disseram que sentiria saudade e a Dona Porca afirmou: Sempre que você sentir saudade é só aparecer e que ela os aguardaria no seu coração. Entre-os ela pegou suas economias e dividiu entre os três irmãos. Isso é para vocês começarem a vida, agora é hora de ir.

Olha eles aqui, óh partindo, indo embora construir a sua nova vida, né Cris?

(Conversas Paralelas das crianças)

Os três porquinhos partiram junto e foram procurar uma loja afim de comprar o necessário para construir suas casinha. O porquinho mais novo que adorava brincar, foi logo dizendo: Quero comprar uma palha para fazer minha casinha, desta maneira vai sobrar muito dinheiro pra mim comprar brinquedos, carrinhos e vou comprar muito... e saiu olê, olá, olê, olá e foi simhora construir sua casinha de palha. Olé, olá, olé, olá e foi simhora construiu sua casinha de palha. O vendedor explicou que uma casinha de palha não era segura, mas o porquinho nem deu ouvido, ele só queria saber de comprar brinquedo e lá vai ele óh, com suas palhinhas...

Criança:-Eu já ouvi isso.

Professora:- Para construir a sua casinha. O segundo porquinho pediu madeira para fazer sua casinha para que sobrasse dinheiro para comprar docinho, já o porquinho mais velho comprou cimento, cal, ferro e vários tijolos, construiu uma casa forte gastando mais que seus irmãos. Logo, logo um lobo mal que morava naquela região ficou sabendo dos três porquinhos e pensou: Oba, terei leitão para jantar. Óh o lobo.

Criança:- Eu tô vendo o lobo e a casa.

Professora:- Óh o Lobo.

Criança:- Ele vai conseguir derrubar.

Professora:- Será?

Criança:- As duas casas.

Professora:- Ele procurou...

Criança:- Os três porquinhos.

Professora:- Procurou e até que encontrou a casinha de palha e foi logo gritando: Abram esta porta, senão a casa vai por ares. Não abro, Não abro seu lobo malvado, respondeu o porquinho. Então o lobo estufou o peito e soprou, AHFUU, AHFUU, e a casinha foi pelo chão, o porquinho saiu correndo e se abrigou na casinha de madeira junto com seu irmão. O lobo saiu mais que depressa correndo atrás, chegou na casinha de madeira estufou o peito e mais uma vez AHFUUUU, soprou e a casinha foi pelo chão e os dois porquinhos saíram correndo fugindo do lobo mal...

(Crianças rindo)

Professora:- Buscar refúgio na casinha...

(Crianças rindo)

Professora:- De tijolos, o lobo chegou atrás deles e falou: Abram a porta se não derrubo essa também. Como não houve resposta, o lobo estufou o peito e soprou, AHFUUU, soprou, soprou e não conseguiu, a casinha continuou em pé, até que o lobo ficou cansado...

Criança:- Ôh tia.

Professora:- Cansado... Ahhh, Gritou ele, tem uma chaminé. Vou subir e vou conseguir entrar. Lá foi o lobo e lá foi o lobo, subiu, quando chegou em cima, ao tentar entrar pela chaminé...

Criança:- Tinha um negóço fervendo.

Professora:- O que aconteceu? AAA!...(Crianças Rindo)Gritou o lobo...(Crianças rindo)

Caiu dentro de um caldeirão fervendo, morrendo de vergonha o lobo foi embora e nunca mais apareceu...

Criança: Tia.

Professora: Os três porquinhos cantavam de tanta alegria. **TODOS:-** QUEM TEM MEDO DO LOBO MAL, LOBO MAL, LOBO MAL. QUEM TEM MEDO DO LOBO MAL, LOBO MAL, LOBO MAL. CÊ TEM? EU NÃO.

Professora:- E saíram pela floresta cantando feliz: - QUEM TEM MEDO DO LOBO MAL, LOBO MAL, LOBO MAL. CÊ TEM? EU NÃO. E foram felizes. E foi assim que a nossa história acabou.

Criança:- Terminou.

Professora:- Como é o nome da nossa historinha?

Crianças:- Os três porquinhos.

Professora:- Quem escreveu a historinha pra gente?

Crianças:-Patrícia Amorim

Professora:- E quem foi que ilustrou? Quem foi que fez todos estes desenhos aqui lindos pra gente? Hein?

Criança:- Me perdi.

Criança:- Quem tem medo do lobo mal, lobo mal.

Professora:- Hein? Quem foi? Foi Jean...

Criança:- Correia

Professora: - Ferreira. E como é que acontece a historinha? (Crianças rindo)Quem pode contar pra gente?

Hein?(Crianças rindo)Quem pode recontar a historinha pra gente?

Criança:- Yasmim

Professora:-Não... Como foi Yasmim que a historinha aconteceu?

Hein Yasmim? (Crianças conversando)- Psiu. Hein?

Criança: - Quem tem medo do lobo mal, lobo mal, lobo mal.

Professora:- Hein Ana Maria?

Criança 12: - Sei não.

Professora:- Eram quantos porquinhos?

Crianças:- Três.

Professora:- Eles eram amigos?

Crianças:- Eram.

Professora:-Eram só amigos?

Crianças:-Não, irmãos.

Professora:- Elas eram o que?

Crianças:-Irmãos.

Professora:- HUM... Ele eram irmãos e no início da historinha eles moravam aonde? Eles moravam em uma cidade?

Criança:- Não.

Professora:- Eles moravam onde?

Criança:- Numa fazenda.

Professora:- Numa fazenda, e a mamãe porca chamou eles e deu o que pra eles?

Criança:- Dinheiro.

Professora:- Dinheiro, e aí? O que eles fizeram com o dinheiro?

Criança:- Comprou palha...

Criança:- Tia.

Criança:- Compraram tijolo, compraram madeira, compraram palha...

Professora:- Isso, mais o que?

Criança:- Beijo, beijo, beijo.

Professora:- Vá sentar! Assim preste atenção, que agora a gente está óh, estudando a nossa historinha. Mas, psiu aninha e o irmãozinho mais novo fez o que?

Criança:-Comprou palha.

Professora:- Comprou palha. Por que foi que o irmãozinho mais novo comprou palha?

Criança:- Pra comprar brinquedo

Criança:- Pra comprar mais brinquedo.

Professora:- Pra comprar mais brinquedo. Mas teve uma pessoa na loja quando ele chegou pra comprar as palhas, que disse o que pra ele? Alguém lembra?

Criança:- Não

Criança:- Eu lembro. Disse que não era pra fazer a casinha de palha.

Professora:- Por que não era pra fazer?

Criança:- Por que era fraca.

Criança:- Porque era fraca, que existia um lobo mal.

Professora:- Isso.

Criança:- Ele avisou, mas os porquinhos não entenderam.

Professora:- E aí o segundo irmão fez o que?

Criança:- Fez uma casinha de madeira.

Criança:- Uma casinha de tijolos.

Professora:- Fez uma casa de...

Criança:- Madeira.

Professora:- Mas ele gostava muito de algo que era de comer, o que?

Crianças:- Doces.

Professora:- Docinho. E o terceiro irmão? Como foi a casinha do terceiro irmão?

Crianças:- Foi de tijolos, que ele comprou tijolos, cimento e madeira e telha, cal, alumínio.

Professora:- Isso e a casinha dele era resistente?

Crianças:- Eraaaa.

Professora:- E quais foram as duas casinhas que foram destruídas.

Crianças:- A de palha e a de madeira.

Professora:- Mas o lobo conseguiu destruir a casinha de tijolo, ferro, cimento e cal?

Criança:- Não.

Professora:- E o que aconteceu com o lobo no final?

Criança:- Ele abriu a chaminé?

Professora:- Ele fez o que?

Criança:- Entrou na chaminé, aí tinha um caldeirão fervendo, aí ele caiu dentro do caldeirão, aí ele saiu correndo e não voltou mais.

Professora:- Não voltou mais. E o que aconteceu com os porquinhos?

Criança:- Eles, os porquinhos, eles ficaram felizes e ficaram cantando.

Quem tem medo do lobo mal, lobo mal, lobo mal, cê tem? Eu não. Quem tem medo do lobo mal, lobo mal, lobo mal.

Transcrição 2º dia – 15/04/2016

(Corte)

Professora:- Então óh, quem escreveu essa aqui, essa adaptação foi a Patrícia Amorim, e quem fez todos os desenhos pra gente foi Jean C. Ferreira, então os mais velhos clássicos e este é o de Pinóquio, Vamos lá?

Era uma vez, um carpinteiro bondoso chamado Gepeto, ele vivia só e passava os dias construindo bonecos de madeira um dia ele fez um boneco muito lindo. Que beleza, darei a ele o nome de Pinóquio. A noite Gepeto pediu as estrelas que seu boneco virasse um menino, enquanto dormia o boneco recebeu a visita da fada azul. Pinóquio, atenderei ao pedido do seu pai, concedendo a você o dom da vida, comporte-se bem e você se tornará um menino de verdade, olha Gepeto e Pinóquio aqui óh. Ele trabalhando, as ferramentas de trabalho dele, construindo Pinóquio.

Criança:- Eu vi, eu já vi, o grilo canta.

Professora:- O grilo foi nomeado a consciência de Pinóquio, na manhã seguinte, Gepeto descobriu que seu boneco ganhar vida. Matricularei você em uma escola, disse ele radiante de alegria, todo feliz já no primeiro dia de aula, Pinóquio encontrou João Honesto e Gedeão pelo caminho, eles o convidaram para uma grande aventura na ilha dos prazeres. Esquecendo de sua consciência, ele aceitou o convite, quando chegaram a ilha. Pinóquio falou: Que lugar legal, quantos doces e brinquedos, saiu correndo para explorar a região.

Olha...

(Conversas paralelas, risos)

...Psiu, crianças

(risos)

Mais tarde brincando com seus novos amigos, Pinóquio percebeu que suas orelhas estavam aumentando. Ólhaas orelha de Pinóquio óh! Foram aumentando, olha pessoal minhas orelhas estão crescendo e eu estou ganhando um rabo de burro, respondeu um outro menino. Chorando, Pinóquio chamou de grilo falante. O que vocês está

fazendo aqui? Perguntou o grilo. O boneco sem saber o que responder, começou a inventar mentiras, a cada mentira que ele dizia seu nariz crescia. Você não deve mentir senão daqui a pouco não conseguirá mais carregar seu nariz. Óh o nariz de Pinóquio, tava desse tamanho. Aconselhou o grilo. Olha o nariz de Pinóquio como já tava crescendo. Tudo isso por que ele... (risos) mentiu, óh o rabo crescendo. Quando ele mentia (risos), crescia o nariz e crescia o rabo. O grilo falante pediu ajuda a fada azul, que explicou que as crianças eram enviada pela ilha para que virassem burrinhos. Com um passar, com um passe de mágica a fada tirou todas as crianças dali. Voltando para casa, Pinóquio não encontrou Gepeto, depois de muito procurar descobriu que seu pai estava em alto mar procurando o seu filho, estou indo salvar você papai, gritou Pinóquio, correndo para a praia, ele entrou no mar e começou a nadar, a cada peixinho que ele encontrava perguntava por Gepeto, de repente foi engolido por uma...

Criança:- Baleia.

Professora:- Enorme baleia. Olha ele nadando no mar procurando o seu pai Gepeto, olha a baleia que ele engoliu, e aí? O que será que vai acontecer?

Criança:- Ficaram feliz

Professora:- Na barriga do gigante, ele encontrou o barco de Gepeto, que bom revelo meu filhinho, disse Gepeto abraçando Pinóquio. Tenho uma ideia para sairmos daqui papai. Dizendo isso, Pinóquio fez uma grande fogueira utilizando as madeiras do barco, em seguida a baleia começou a tossir e jogou os dois para longe. Quando chegaram em casa a fada azul já os esperava. Parabéns Pinóquio por sua coragem, logo depois a fada realizou o sonho de pai e filho, eles transformou Pinóquio em um menino de verdade. Olha aqui quando eles saíram da barriga da baleia, saíram do mar abraçados e olha a fada realizando o sonho de Pinóquio e o sonho do pai de transformar ele em um menino de...

Criança:- Verdade.

Professora:- Verdade. E acabou a história. Qual o nome da nossa historinha?

Crianças:- Pinóquio.

Professora:- Quem escreveu a historinha pra gente?

Criança:- Gepeto.

Professora:- Hein? Quem foi que escreveu? Quem escreveu a historinha pra gente?

Criança:- Pedro. Preto. (risos)

Professora:- Não, foi uma mulher. Qual o nome?

Criança:- Maria Amorins. (risos)

Professora:- Foi quem?

Criança:- Patrícia Amorim.

Professora:- Patrícia Amorim, muito bem.

E quem fez as ilustração?

Criança:- Morin.

Professora:- Não, Jean..

Criança:- Ferreira.

Professora:- Jean...

Criança:- Ferreira.

Professora:- Pinóquio falava a verdade?

Criança:- Não!

Professora:- Psiu, óh o silêncio. (Risos) E o que ele falava?

Criança:- Mentira.

Professora:- E quando ele mentia o nariz dele diminuía ou crescia?

Criança:- Crescia.

Professora:- E apareceu mais alguma coisa diferente nele?

Criança:- Sim, as orelhas. - O rabo cresceu e as orelhas. - O rabo e as orelhas.

Professora: Mais ele estava, quando isso aconteceu, ele estava onde? Na casa dele ou em outro lugar?

Criança:- Em outro lugar.

Professora:- Que lugar era esse?

Criança:- Na barriga da baleia.

Professora:- Aonde?

Criança:- Numa ilha.

Professora:- Em uma ilha. Mais quem foi que fez Pinóquio?

Criança:- O pai. - Gepeto

Professora:- O pai, mas como era o nome do pai dele?

Criança:- Gepeto.

Professora:- Gepeto. Muito bem. E quem foi que deu vida a Pinóquio?

Criança:- A fada azul.

Professora:- A fada azul. Ela transformou... ela transformou o boneco de madeira em um menino de verdade ou ele continuou sendo um boneco?

Criança:- Um menino de verdade.

Professora:- Um menino de..

Criança:- Verdade.

Professora:- Ai ele foi pra o mar, uma certa vez procurar pelo seu pai e teve um peixe que o engoliu. Qual foi este peixe?

Criança:- Baleia. - Foi uma baleia.

Professora:- Foi uma baleia. E ele inventou o que pra tentar salvar o pai dele de sair da barriga da baleia?

Criança:- A fada.- A baleia.

Professora:- Fez o que?

Criança:- Uma fogueira.

Professora:- Fez uma...

Criança:- Fogueira.

Professora:- Uma fogueira. E aí? O que aconteceu? A baleia fez o que?

Criança:- Tossiu.

Professora:- Ela tossiu e eles conseguiram sair, e aí a fada realizou o sonho deles ou não?

Criança:- Sim.

Professora:- Ai o que foi que a fada fez?

Criança:- Liberdade.

Professora:- O que foi que ela fez?

Criança:- Tia nem colocou no quadro.

Professora:- Ela fez o que? A fada fez o que?

Criança:- Realizou o sonho.

Professora:- Realizou o sonho de Gepeto e transformou Pinóquio em um menino de verdade.

Transcrição 3º dia – 18/04/2016

Professora:- Para onde pulou a pulga e é uma historinha que aparece alguns personagens que na nossa sala ele tem até o nome dele que é Pedrinho, então a história de hoje quem escreveu pra gente, olha só quem escreveu foi Heber Coimbra, quem ilustrou foi Graça Lima e o nome da historinha é...

Todos:- Para onde pulou a pulga.

Criança:- É a pulga.

Professora:- E pra onde foi que essa pulga pulou? Hein gente?

Criança:- Pulou pra todo canto.

Professora:- Será que a gente consegue ver? Será que ela pulou aqui pra junto do Jonata? Então a gente vai sair...

Criança:- Ele foi pegar ela pulou.

Professora:- A gente vai sair procurando, procurando até ver se a gente consegue encontrar essa pulga e essa pulga ela pode tá em qualquer um desses livrinhos. A gente tem que começar a usar a imaginação, ver se ela está por aqui, se ela está aqui nessas letrinhas, se ela passou pela janela, se ela foi embora, mas o nosso livro hoje, o nome da nossa historinha é...

Todos:- Para onde pulou a pulga?

Professora:- É uma pergunta que a professora está fazendo, para onde pulou a pulga? Então vamos lá, quem escreveu pra nós foi Heber Coimbra.

Primeiro o nosso livro começa com bastante cores, aqui nós temos uma...

Crianças:- Vermelho.

Professora:- Cor bem forte aqui nós temos uma cor suave.

Criança:- Verde

Professora:- E aqui nós temos um menino pensando, para onde pulou a pulga?

Criança:- E outra vermelho, laranja e azul, amarelo.

Professora:- E a nossa historinha começa...

Pobre Pedro tão piralho, pequenino e já tem um problemão. Para onde pulou a pulga? E aí?

Criança:- Tia, ontem foi dia de que?

Professora:- Calma, a gente chega lá.

Pedro percebe a pulga dando tapa e pescoção no perfume da penteadeira, no pote da prateleira, na ponta do pé de pato, no puído pano de prato, para onde pulou a pulga?

Para onde foi essa pulga.

(Barulhos externos)

Do pano pulou para o tapete, do tapete para sua perna, na perna a pulga pulula e Pedro vai e PAFT. Olha a perna dele como já está vermelha, e ele tenta encontrar a pulga, tá conseguindo ver júnior?

Criança:- Porque a perna dele tá vermelha?

Professora:- Porque a pulga está mordendo, mas a pulga é mais rápida e PIFT, desapareceu e POFT, reapareceu e Pedro persegue a pulga, PLAF, PLAF, PLAF.

Criança:- Ele sobe nas pessoa?

Professora:- Vamos descobrir. De repente Pedro pensa dando um sopapo na perna, pronto peguei a pulga, pobre Pedro decepção. Será que ele vai conseguir pegar a pulga Ramon?

Criança:- Não. /- Não.

Professora:- Será que não?

Criança:- Será que sim. /- Não. /- Será que não. / - Ele vai pegar não.

Professora:- Da pulga, nenhuma pista. Só a pele vermelha na perna e uma pulga atrás da orelha.

(Conversas paralelas)

Criança:- Esta é quem?

Professora:- A pulga, para onde pulou a pulga? Esta é a pergunta.

(Conversas paralelas)

- Hein gente? Para onde pulou a pulga?

Criança:- Ali a pulga. / - Oxe.

Professora:- Será que a pulga pulou para algum desses animais?

Criança:- O cachorro. / - Eu disse que ele não ia. / - Acho que o gato.

Professora:- Será que está no gato?

Criança:- O cachorro. /- No cachorro e uma no gato. /- Tá no urso. / - Cachorro. /- Eu acho que tá.

Professora:- Mas para onde pulou a pulga?

Criança:- A pulga.

Professora:- E até então Pedrinho não sabe, para onde pulou a pulga? Será que está em alguns desses livros?

Criança:- Não. / - Não.

Professora:- Ele tentou matar a pulga?

Criança:- Tentou.

Professora:- Mas ele conseguiu?

Crianças:- Não. / - Óh tia.

Professora:- Ela pulava de um lado para o outro...

Criança:- Tia posso dizer?

Professora:- Ou não.

Criança:- Sim. /- Óh tia, tinha uma vez que eu não consegui fazer uma baleia, mas eu tentei, tentei, tentei valer a pena mas consegui.

Professora:- Conseguiu? Então nós temos que fazer o que? Que insistir, ele insistiu várias vezes tentando pegar a pulga?

Criança:- Sim.

Professora:- Ou ele desistiu de primeira?

Criança:- Desistiu. /- Desistiu não.

Professora:- Ele desistiu não? Ele ficou pensando em estratégia de como pegar a pulga?

Criança:- Ficou. /- Óh ele tá pensando aqui, então ele tá pensando de como pegar a pulga.

Professora:- Ele está pensando, mas a pulga era mais rápida do que ele ou não?

Criança:- Sim. /- Era.

Professora:- Era?

Criança:- Era.

(Corte – Interrupção de funcionário da escola)

Professora:- E aí? Se a gente fosse procurar uma pulga aqui, seria fácil da gente encontrar pelo tamanho dela?

Crianças:- Não. / - Porque ela é bem pequenininha, mas quando ela vai comendo muita coisa ela vai crescendo.

Professora:- Ela vai crescendo? Em que lugares, em que animais nós podemos encontrar a pulga?

Criança:- No cachorro. / - No gato.

Professora:- Mas só tem pulga nos animais se a gente não...

Criança:- Cuidar.

Professora:- Isso...

Criança:- Se deixar no meio da rua aí pega.

Professora:- Isso, mas se a gente cuidar deles, vai ter pulga?

Crianças:- Não.

Professora:- E aí? O que é que a gente devemos fazer?

Criança:- Mas a pulga é coisa boa não é?

Professora: - Mas se a gente cuida dos animais e não tem pulga, ele estão todos...

Criança: - Salvos

Professora: - Sadios, se não a pele deles óh, assim como a de Pedrinho vai ficar irritada e qual dos nossos coleguinhas em sala tem o mesmo nome que o do menino da historinha?

Criança: - Pedro. /- Pedro Henrique.

Professora: - Pedro Henrique.

Transcrição 4º dia – 19/04/2016

Professora: - Então olha só, a historinha de hoje é: As aventuras de um pequeno ratinho na cidade grande.

Criança: - Tia, é pra fazer meu nome é, agora?

Professora: - Como seria um ratinho pequeno em uma cidade grande? Como seria? Vamos imaginar.

Criança: - Eu já tou imaginando.

Professora: - Já está imaginando.

Criança: - Eu também. /- Mas, mas ele preferia um negócio mais pequeno.

Professora: - Será que ele preferia um negócio mais pequeno?

Então óh, quem escreveu pra gente foi Simon Prescoti. Quem fez a ilustração foi Lublin.

(Risos)

É uns nomezinhos complicados e aqui nós vamos descobrir quais são as aventura desse ratinho, vamos lá?

As aventura de um pequeno ratinho na cidade grande.

Aí aqui óh, as aventuras de um ratinho pequeno na cidade grande, olha a cidade, olha aqui.

(Conversas paralelas)

E disse assim, e disse assim: o ratinho do campo vivia sossegado na sua casa, logo recebeu a carta para viajar, ir à cidade grande.

A medida que o trem corria e o campo ficava para trás, seu coração batia mais forte. Óh ele no trem viajando, deixando o seu campo, deixando sua casinha, e morava no mato, lá no campo, resolveu viajar para a cidade, cada vez que o trem andava, seu coração batia óh bem mais forte.

Quando chegou a cidade ficou sem fôlego ahn, cansado, ofegante, olhando e tudo era grande, tudo era assim, e ele pequenininho olhava e não conseguia ver até o final dos prédio, era tudo muito grande, era muita gente, muito barulho.

Muitas pessoas passavam por ele o tempo todo, de um lado para o outro, mas nenhuma delas parava para lhe dizer o caminho, ninguém ensinava o caminho pra o ratinho e o ratinho se sentia perdido no meio da multidão e ele ia para um lado, passava pra um lado, passava para o outro e ficava desesperado, só via as pessoas caminhando, mas ninguém o ajudava.

O ratinho do campo estava tentando se localizar, onde é que eu estou? Olho para um lado é tudo alto, olho pra o outro também, tudo parece igual, é muitos prédios, é muita gente caminhando, indo e vindo, onde é que eu estou? Parou, olhou, olhou, estranhou, tudo era muito estranho e aí escureceu, tudo era igual, do mesmo jeito, os prédio, as ruas, tudo do mesmo jeito, tudo asfaltado, essa rua tá igual a essa, só vejo prédios, só vejo carros, só vejo gente e ninguém me ajuda e o ratinho ficou triste, escureceu, as luzes todas se ascendeu e a cidade ficando cada vez mais perigosa, ele precisava de ajuda e rápido, seu amigo apareceu lá no alto, de repente a cidade não parecia mais estranha. Olha ele óh, aqui óh, achou um amiguinho e a partir daí o que era estranho já começou a mudar, eu achei, eu sou o ratinho do campo, achei Jonata Cauã que era o ratinho da cidade e ele sabia andar no trânsito, ele sabia se livrar dos pezinhos das pessoas e ele óh vai me ajudar.

Você vai adorar aqui, disse o ratinho da cidade e começou a fazer uma viagem com ele, de mãos dadas caminharam pela cidade e ele concordou que a cidade também era um lugar legal, tinha água boa e a cidade começou a ficar um pouquinho mais divertida, tinha queijo, a cidade era grande, grandiosa e ele começou a olhar e gostar da cidade, aí que eu to começando a gostar daqui, resolveu subir no telhado, viu toda a cidade de cima com um montão de casas, os carros passando em baixo na rua.

Criança: - Cadê tia, mas ele não tinha ficado com medo não?

Professora: - Tá vendo? Mas ele parou...

Criança: - Mas ele não tinha ficado com medo não?

Professora: - Pensou, só viu telhado, só viu carros, só viu gente andando, mas ele morava lá no campo, e lá no campo tinha muito mato, muitas árvores, era tudo verde e aí ele sentiu uma saudade, ele ficou triste de novo e aí ele resolveu voltar e disse pra o seu amigo: estou com saudade de casa, como é bonito o campo e tranquilo ele gostou de encontrar o amigo e de conhecer a cidade, mas estava na hora de voltar para casa, óh ele com o amigo na praça conversando, se despedindo do amigo que encontrou, a cidade, e ele pegando o trem de volta para o campo, quando ele chegou o ratinho do campo deitou-se na grama e sorriu, é bom voltar para casa disse: não existe lugar mais bonito e melhor do que a casa da gente. E olha o ratinho todo feliz de volta ao seu lugar, de volta ao seu campo. E aí vocês, gostam de voltar pra casa?

Crianças:- Gosto. /- Eu gosto.

Professora: - Todo mundo vem pra escola mas quando chega a hora de ir pra casa todo mundo quer ficar na escola ou ir pra casa?

Crianças: - Pra casa.

Professora: - Assim foi o ratinho. Não é gostoso vir pra escola?

Crianças: - É. /- Mas é mais...

Professora:- Não é gostoso fazer amigos aqui na escola?

Criança: - É. / - Deixa eu falar.

Professora: -Não é gostoso aprender as novidades na escola?

Crianças:- É.

Professora:- Mas também é bom...

Crianças: - Tia. /- Tia.

Professora:- Voltar pra casa.

Criança:- Tia, óh é bom voltar praqui, é bom ter amigo, fazer escola, aprender bastante, mas é mais legal quando a gente tá em casa com a nossa mãe, com o nosso pai, com nossos irmãos, com todo mundo.

Professora: - Tá vendo, então o ratinho do campo resolveu, ele tava aqui óh, muita árvore, muito mato, deitado com a perna pra cima, folcando um livro, sossegado e ele resolveu tchi, tchi ,tchi, sair pra cidade, resolveu viajar, quando chegou na cidade tudo era uma loucura, muito carro, muita gente, muito pé, e agonia ele se sentindo perdido.

(Corte)

Então gente olha só, é gostoso a gente vir pra escola, é gostoso a gente vir estudar, fazer novos amigos, conhecer novas pessoas, mas também é gostoso a gente voltar pra casa como a nossa coleguinha Crislayne falou, está com nossos pais, com nossos irmãos, com os nossos familiares, está na nossa casa, e o ratinho resolveu sair da sua casa, do campo e ir para a cidade grande, mas quando ele chegou na cidade grande, logo no inicio ele gostou?

Criança:- Não.

Professora:- Ele sentiu o que?

Criança:- Ele sentiu falta da cidade que ele morava.

Professora:- Ele sentiu falta do lugar onde ele...

Todos:- Morava.

Professora:- E ele queria ajuda?

Criança:- Queria.

(Conversas paralelas)

Professora:- Então quando ele chegou na cidade, ele precisou de ajuda?

Crianças:- Precisou.

Professora:- Mas ele encontrou ajuda rápido?

Criança:- Não.

Professora:- Não? Mas e aí, com o passar do tempo quando já anoiteceu, quando ele já estava desesperado, apareceu alguém?

Criança:- Apareceu um ratinho.

Professora:- Um ratinho da cidade, e o ratinho da cidade viu ele e simplesmente fez: ah esse ratinho, vou deixar ele aí, vou embora e passou, foi embora e deu tchau ou resolveu ajudar?

Crianças:- Ajudar.

Professora:- É aí o que foi que, o que foi que o outro ratinho fez? Apresentou a cidade para ele ou não?

Crianças:- Apresentou.

Professora:- E quando ele conheceu a cidade, lá do alto e viu tudo, ele gostou?

Crianças:- Gostou. /- Mas ele sentiu falta da cidade dele, do campo que ele morava.

Professora:- Sentiu saudade.

Criança:- Da cidade dele.

Professora:- E aí, ele ficou mesmo sentindo falta do campo, do lugar onde ele morava, ele ficou ou ele voltou?

Crianças:- Ele voltou.

Professora:- E quando ele voltou ele se sentiu como?

Criança:- Sorrindo. / - Ele ficou feliz.

Professora:- Porque ele ficou feliz?

Criança:- Porque ele voltou pro campo dele.

Professora: - Isso, porque ele voltou para o campo dele.